

O CORPO TRIATIVO DE UM MEDIADOR EM DEVIR PONTE

AMANDA MARTINS DE ABREU¹; ANDY HELLEN MARQUES REAL²; KARINA GALLO³; JACSON WESTPHALEN PIOVESAN⁴; HELCIO OLIVEIRA⁵; CAROLINA CORRÊA ROCHEFORT⁶

¹ UFPEL - martinsdeabreuamanda@gmail.com

² UFPEL - andy.marques.real@gmail.com

³ UFPEL - karinag2706@gmail.com

⁴ UFPEL - jacsonpiovesa@gmail.com

⁵ UFPEL - helcioliveira@yahoo.com.br

⁶ UFPEL carol80cr@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A escrita da área das artes visuais, aceitável em primeira pessoa, trata das inquietações que surgem no meu corpo em contato com a arte, do meu corpo em relação à galeria de arte (do estar dentro da galeria A Sala/CA/UFPEL) e de ter a possibilidade de ser possibilidade para outros. Estas experiências artísticas/corporais impulsionam um pensar da mediação artística como conexão ou contato com diversos outros que ultrapassam as paredes da Sala de exposição, ou daquilo que é específico do campo da arte.

Numa mediação ao acessarem, eu e os outros, uma espécie de procura, busco enquanto mediadora do grupo Patafísica¹ um devir ponte. A ponte realizada por um corpo é um movimento de torção, de dobra corporal. Atravessada por essa imagem de um corpo em ponte proponho um corpo *triativo* para um corpo mediador. Um corpo atento ao olhar para arte, aquela da galeria e aquela que está além da galeria, que acontece no encontro. Um corpo que conversa, pulsa/pensa e cria.

Acredito que a mediação abre/dá a possibilidade de tocar o íntimo, mexer e revirar o espaço de exceção de cada um, incitando pensar em espaço de exceção, um espaço íntimo, como o lugar singular dentro de nós. Ver o corpo de um mediador como um corpo *triativo* é tornar esse mediador a potência de ativação e a ponte entre os outros elementos do conversar, pensar e criar, ou seja, as experiências de mediação.

As mediações que abordo, acontecem nas exposições da Galeria A Sala do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. São ações propostas pelo grupo de extensão Patafísica: mediadores do imaginário/CA/UFPEL.

Como norteador teórico para abordar a ideia de mediador enquanto *corpotriativo*, referencio o conceito de *corpo vibrátil* (ROLNIK, 2006), assim como escritas sobre amizade e amigo de DELEUZE (2013), a partir de CARDOSO Jr. (2006), que impulsionam o meu pensar do mediador como ativador/intercessor/amigo.

¹ O gruporeferido é um Projeto de Extensão do Centro de Artes da UFPEL, desde 2013. O projeto de extensão se desdobra em pesquisa e ensino, com o título de Mediação Artística: experiências poéticas e criativas. É formado por mediadores, alunos dos cursos do CA/UFPEL. Os Patafísicos exploram a criação e o fazer, propõem reflexões e instigam a interrogação. O grupo atua especialmente na Galeria A Sala do Centro de Artes/UFPEL, assim como, em eventos acadêmicos/culturais, trabalhando na mediação artística e na formação de mediadores, visando a ampliação da ideia de mediação artística. Seguem endereços na rede e contato via e-mail: Facebook: <http://www.facebook.com/PatafisicaMediadoresDoImaginario>. E-mail: patafisica@live.com

2. METODOLOGIA

Durante a exposição *Desfronteiras* dos formandos 2015 dos cursos de Artes Visuais, Bacharelado e Licenciatura do Centro de Artes/UFPEL, o grupo Patafísica foi convidado a participar da programação do seminário *Conversações* do Programa de Pós-Graduação em Educação/FAE/UFPEL 2016 com uma atividade de mediação artística na galeria A Sala.

Para essa visita, o grupo pensou em propor algo específico/direcionado para o grupo em questão, educadores. Afetados pela exposição *Desfronteiras*, a qual nos impulsionou a conversar, pensar, criar a partir de questões referentes às relações que estabelecemos com a vida, com as pessoas, com o cotidiano. Para o encontro com o grupo de educadores e pesquisadores do Seminário *Conversações*, procuramos agir de maneira adversa, digo, pois foi contrária a nossa metodologia de mediação. A metodologia do Patafísica procura agir a partir do outro, daquilo que é produzido no encontro na galeria, considerando o olhar do outro, sem pressa, para uma criação que é produzida a partir da partilha de olhares.

Porém, na mediação da “mentira” experienciamos uma mediação de corpos contidos e controlados pela rigidez de um espaço e sua normatividade disfuncional ao pensar. Escolhemos explorar as relações entre mediador e visitante, professor e aluno. Questionamos, a partir da contação de mentiras como se fossem verdades sobre as obras e os artistas, o lugar do mediador/professor como detentor de uma verdade sobre a arte, ou sobre o conhecimento.

Quando se aplica firmemente uma hierarquia entre o detentor de um conhecimento, e aquele que não o detém, o ignorante, uma relação de embrutecimentose estabelece (RANCIÈRE, 2011). O corpo todo aponta (Figura 1), na fala e na linguagem corporal, a aplicação de regras no espaço: não toque!, afaste-se!, vamos ao próximo trabalho!, etc. Somado a todas ordens e imposições corporais e mentais de comportamento, eu, uma mediadora embrutecedora nesse momento, constantemente realizo uma enxurrada de informação sem abertura para a fala de outrem, ou qualquer outra interferência.



Figura 1. Registro fotográfico da mediação da exposição *Deslimites: formandos Artes Visuais 2015* realizada em 2016.



Figura 2. Registro fotográfico da mediação da exposição *Deslimites: formandos Artes Visuais 2015* realizada em 2016.

Quando meu corpo racha e esgota desse estado de mentira, assim como o de muitos outros que ali ainda permaneciam, retiro a máscara de um corpo impositor e busco através de risos e mentiras mal contadas um momento de conversa. Sentamos em círculo no chão da galeria. Agora estamos num plano.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sentados em círculo no chão da galeria vertemos, com um grande corpo, diversos pulsares. A cada pulsação: falas, imagens, vivências, processos se conectaram e refletiram entre si. Acredito que todos que participam dessa mediação fazendo observações, comentários, ou qualquer tipo de manifestação depois daquele momento de rigidez, estavam afetados.

Já como corpo ativado enquanto devir ponte, sendo um corpo já ativado naquele espaço, busquei na conversa uma relação de amizade (DELEUZE, 2013). Os relatos e linhas lançadas se conectaram, costuraram relações, e elas pulsavam a cada caminho de troca de conhecimento, num trilhar que não tem lugar de chegada definido, que não espera por uma resposta líquida e imediata justamente por dar voz para subjetividade.

Subjetividade essa que verte de corpo vibrátil daquele movimento ora de devir ponte de um corpo mediador triativo que se desdobra e torce fortemente como ponte, ora do mediado que toca esse lugar de exceção, que também é corpo vibrátil vertendo movimento de uma rachadura na calçada do seu pé de exceções.

4. CONCLUSÕES

A conversa que recebe de resposta, a mediação que recebe de certeza a singularidade. Essa pendura-se no cacho de dúvidas e experiências do nosso “pé

de exceção". A rua, do outro lado da parede da Galeria A Sala, recebe plantações de "pé de exceção" toda vez que a conversa atravessa tardes, manhãs, horas, silêncios. Então, a conversa racha a parede e a calçada da nossa rotina, atentando o olhar, alimentando o pensar e pulsando o criar.

E todos esses atravessamentos e andanças insistem acontecendo ao sair da galeria. Entrar em contato com outro espaço, agora a rua e conforme andar e observar - o anseio dos olhos em achar a novidade e perceber de outra forma esse trajeto. Talvez essa experiência que ultrapassa o cubo branco da galeria, que pulsa pelo encontro, é o mais puro verter de todo processo que acontece dentro da galeria A Sala. As conexões feitas por esse *corpo triativo* em devir ponte, todo o pulsar de uma roda de conversa, seguem pulsando. Pois, aquele *corpo triativo*/mediador naquele espaço, teve potencia de ativamento nos mediados, teve êxito em lidar com a situação anterior, deveras desagradável e rígida, potencializando a ideia de um ensino hierárquico. Logo subvertendo a situação para o lidar, o mediar patafísico, que de mãos com corpos vibráteis e relações de amizade entre professor e aluno, fazem rachar e pulsar e segue acontecendo fora dos espaços institucionalizados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

Artigo

CARDOSO Jr, H.R. Pensar a Pedagogia com Deleuze e Guattari: amizade na perspectiva do aprender. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.31, n.1, p. 37 - 52, 2006.

ROLNIK, Suely. **Geopolítica da Cafetinagem**, Núcleo de Subjetividade. PUC-SP, São Paulo, maio de 2006. Online. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm>